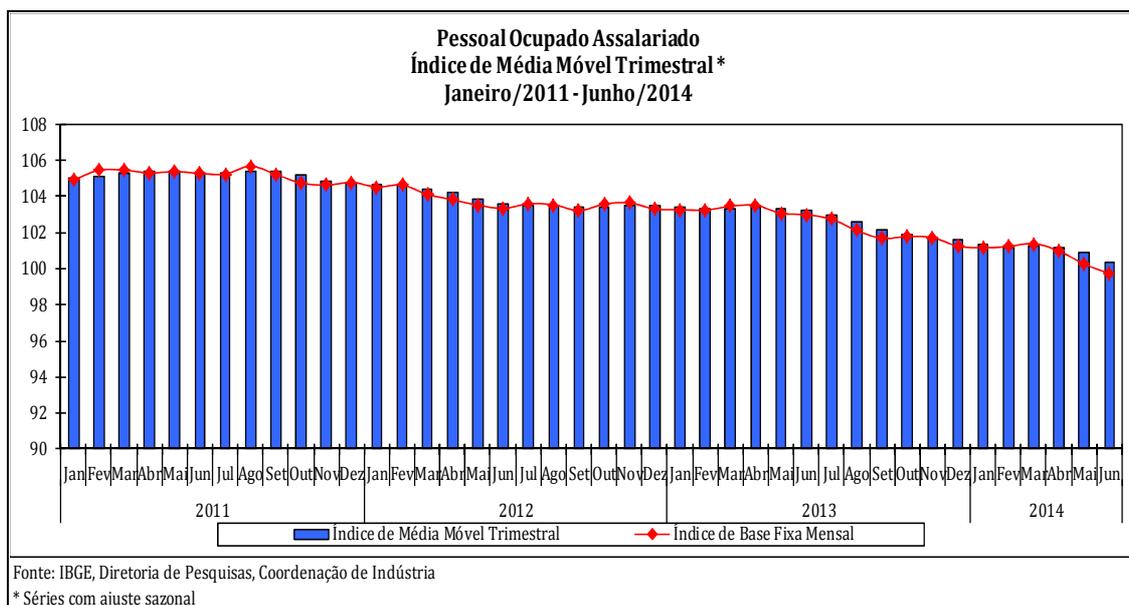


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em junho de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou queda de 0,5% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, terceiro resultado negativo consecutivo, acumulando nesse período perda de 1,6%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou redução 0,6% no trimestre encerrado em junho de 2014 frente ao patamar assinalado no mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em abril do ano passado. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o emprego na indústria apontou retração de 0,9% no período abril-junho de 2014, sexta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto, e mostrou ritmo de queda mais intenso do que o observado no último trimestre de 2013 (-0,6%) e o primeiro desse ano (-0,3%).



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 3,1% em junho de 2014, trigésimo terceiro resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde novembro de 2009 (-3,7%). Nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, o total do pessoal ocupado assalariado recuou tanto no fechamento do segundo trimestre de 2014 (-2,7%), como no índice acumulado dos seis primeiros meses do ano (-2,3%). A taxa anualizada, índice acumulado nos

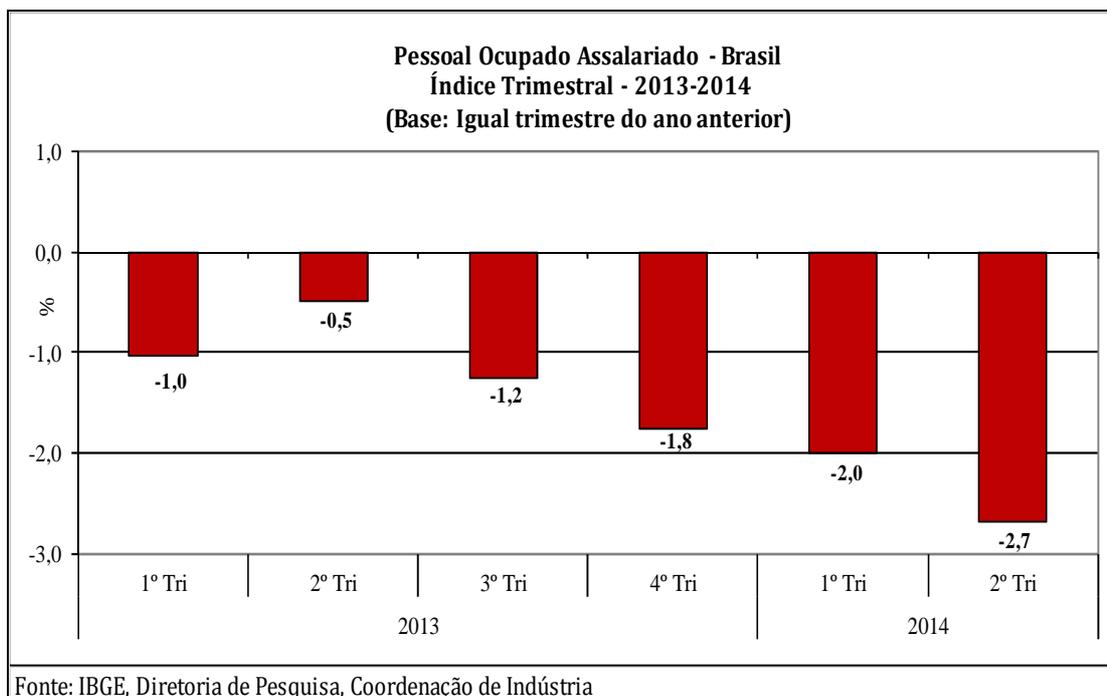
últimos doze meses, ao recuar 1,9% em junho de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro do ano passado (-1,0%).

No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial recuou 3,1% em junho de 2014, com o contingente de trabalhadores apontando redução em todos os quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-4,2%), pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado em quatorze das dezoito atividades, com destaque para as indústrias de produtos de metal (-10,9%), produtos têxteis (-13,2%), meios de transporte (-5,9%), máquinas e equipamentos (-5,4%), outros produtos da indústria de transformação (-10,5%), alimentos e bebidas (-2,1%), calçados e couro (-13,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (-10,1%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Paraná (-5,0%), Rio Grande do Sul (-4,0%), Região Nordeste (-2,0%), Minas Gerais (-1,7%) e Rio de Janeiro (-3,3%), com o primeiro influenciado, principalmente, pelas quedas verificadas nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-39,0%), outros produtos da indústria de transformação (-9,8%), vestuário (-8,8%), meios de transporte (-4,7%), produtos de metal (-5,5%) e alimentos e bebidas (-0,8%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de calçados e couro (-7,3%), máquinas e equipamentos (-7,5%), metalurgia básica (-26,1%), meios de transporte (-5,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,4%) e produtos de metal (-4,0%); o terceiro devido à retração registrada nos setores de alimentos e bebidas (-3,2%), calçados e couro (-3,8%), produtos têxteis (-5,5%) e máquinas e equipamentos (-7,9%); o quarto influenciado, em grande parte, pelos recuos assinalados por calçados e couro (-14,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,5%) e meios de transporte (-4,9%); e o último pressionado, em grande medida, pelas quedas verificadas em vestuário (-23,7%), meios de transporte (-7,3%), produtos de metal (-8,0%), borracha e plástico (-8,9%) e indústrias extrativas (-3,1%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de junho de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em quinze dos dezoito ramos pesquisados,

com destaque para as pressões negativas vindas de meios de transporte (-5,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,9%), produtos de metal (-6,4%), calçados e couro (-7,4%), máquinas e equipamentos (-4,5%), produtos têxteis (-6,3%), vestuário (-3,9%) e refino de petróleo e produção de álcool (-9,1%). Por outro lado, os impactos positivos sobre a média da indústria foram observados nos setores de produtos químicos (1,9%) e de minerais não-metálicos (1,5%).

Na análise por trimestres, observa-se que o emprego industrial, ao recuar 2,7% no segundo trimestre de 2014, apontou o décimo primeiro trimestre consecutivo de resultados negativos, aumentando a intensidade no ritmo de queda frente ao índice do primeiro trimestre do ano (-2,0%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Entre esses dois períodos, treze dos dezoito setores e doze dos quatorze locais pesquisados mostraram perda de dinamismo, com destaque para alimentos e bebidas, que passou de 1,5% no período janeiro-março de 2014 para 0,2% no trimestre seguinte, seguido por meios de transporte (de -2,1% para -4,4%), refino de petróleo e produção de álcool (de -6,9% para -9,7%), metalurgia básica (de -1,4% para -3,3%) e vestuário (de -1,7% para -2,7%), entre as atividades, e Região Norte e Centro-Oeste (de 0,7% para -0,8%), Paraná (de -2,8% para -4,8%), São Paulo (de -3,1% para -3,8%) e Pernambuco (de 2,0% para 1,3%), entre os locais.

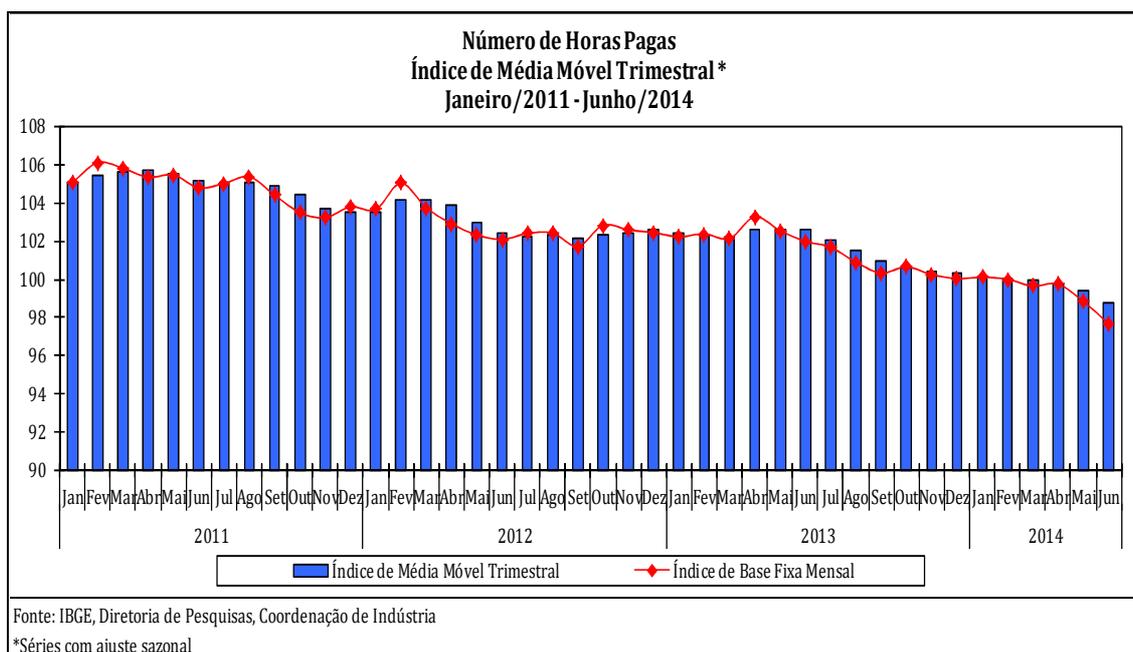


No índice acumulado dos seis primeiros meses de 2014, o emprego industrial mostrou queda de 2,3%, com taxas negativas em treze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,5%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-4,0%), Paraná (-3,5%), Minas Gerais (-1,7%), Região Nordeste (-1,0%) e Rio de Janeiro (-1,8%). Por outro lado, Pernambuco (1,6%) exerceu a única pressão positiva. Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de produtos de metal (-6,6%), máquinas e equipamentos (-4,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,6%), calçados e couro (-7,6%), meios de transporte (-3,2%), produtos têxteis (-5,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (-8,4%). Em sentido contrário, os principais impactos positivos foram registrados por alimentos e bebidas (0,8%) e produtos químicos (2,0%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em junho de 2014, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, mostrou redução de 1,2% frente ao nível do mês imediatamente anterior, segundo resultado negativo consecutivo, acumulando nesse período perda de 2,1%. Com esses resultados,

o índice de média móvel trimestral apontou queda de 0,7% no trimestre encerrado em junho de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em maio de 2013. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o número de horas pagas na indústria apontou recuo de 1,2% no período abril-junho de 2014, quarta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto, e mostrou ritmo de queda mais intenso do que os observados no último trimestre do ano passado (-0,7%) e o primeiro desse ano (-0,4%).



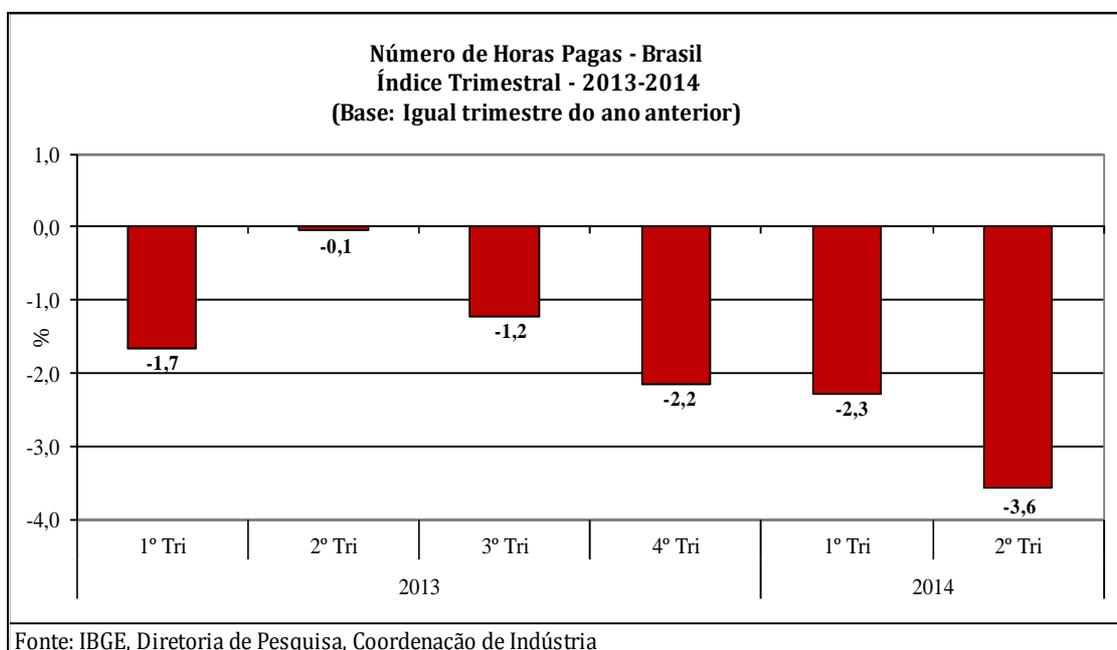
O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, ao mostrar recuo de 4,2% no índice mensal de junho de 2014, assinalou a décima terceira taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde outubro de 2009 (-5,3%). Nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, o total do número de horas pagas apontou perda tanto no fechamento do segundo trimestre de 2014 (-3,6%), como no índice acumulado dos seis primeiros meses do ano (-2,9%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -2,0% em maio para -2,3% em junho de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

Em junho de 2014, o número de horas pagas recuou 4,2% no confronto com igual mês do ano anterior, com perfil disseminado de queda, já que

todos os quatorze locais e dezesseis dos dezoito ramos pesquisados apontaram taxas negativas. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de meios de transporte (-8,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-10,6%), máquinas e equipamentos (-5,8%), produtos de metal (-6,9%), calçados e couro (-8,6%), alimentos e bebidas (-1,6%), produtos têxteis (-7,5%), vestuário (-4,2%) e outros produtos da indústria de transformação (-3,8%). Em sentido contrário, os setores de minerais não-metálicos (0,9%) e de produtos químicos (0,7%) assinalaram os impactos positivos nesse mês.

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-5,3%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país em junho de 2014, pressionado em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de meios de transporte (-9,8%), máquinas e equipamentos (-7,5%), produtos têxteis (-14,0%), produtos de metal (-9,8%), alimentos e bebidas (-3,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,8%), outros produtos da indústria de transformação (-9,9%) e refino de petróleo e produção de álcool (-7,0%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-5,9%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em calçados e couro (-9,2%), máquinas e equipamentos (-9,8%), meios de transporte (-9,1%), metalurgia básica (-28,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-16,2%), produtos de metal (-6,2%) e alimentos e bebidas (-1,6%); Paraná (-5,5%), explicada em grande medida pela queda nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-44,1%), meios de transporte (-9,5%) outros produtos da indústria de transformação (-7,9%) e produtos de metal (-7,7%); Minas Gerais (-3,7%), em função, principalmente, dos recuos observados em calçados e couro (-34,8%), meios de transporte (-7,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,4%); e Região Nordeste (-3,3%), por conta, principalmente, das pressões negativas vindas de alimentos e bebidas (-5,4%), calçados e couro (-3,9%), produtos têxteis (-8,6%), produtos de metal (-9,2%) e indústrias extrativas (-9,1%).

Em bases trimestrais, o número de horas pagas apontou queda de 3,6% no período abril-junho de 2014, décima segunda taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto, e intensificou o ritmo de queda frente ao resultado do primeiro trimestre de 2014 (-2,3%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A perda de dinamismo no total do número de horas pagas entre os três primeiros meses de 2014 e o segundo trimestre do ano foi acompanhada por quatorze setores e doze locais. Entre as atividades, as maiores perdas de ritmo entre os dois períodos foram registradas por meios de transporte, que passou de -2,4% no período janeiro-março de 2014 para -6,8% no segundo trimestre do ano, seguida por alimentos e bebidas (de 1,1% para -0,2%), vestuário (de -1,7% para -3,5%), borracha e plástico (de 1,6% para -0,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (de -8,5% para -10,5%), enquanto entre os locais, Região Norte e Centro-Oeste (de 2,0% para -0,8%), Pernambuco (de 0,0% para -2,0%), Rio de Janeiro (de 0,8% para -1,0%), Santa Catarina (de 0,4% para -1,1%) e São Paulo (de -3,6% para -4,9%) foram os que mais recuaram.



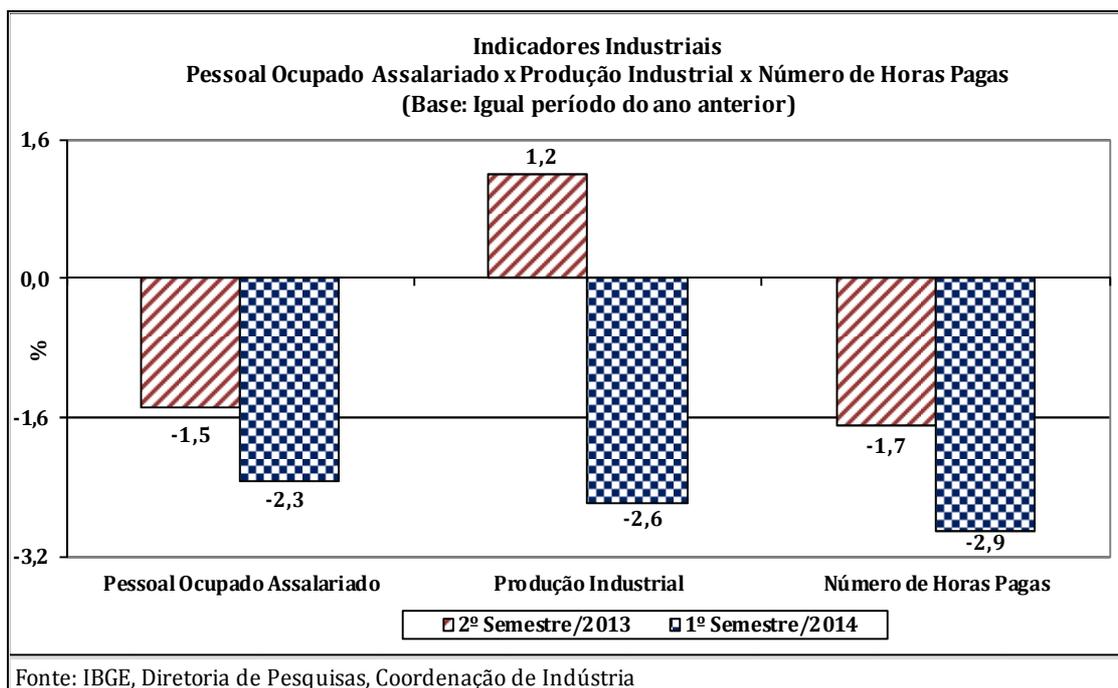
No índice acumulado dos seis primeiros meses de 2014 houve recuo de 2,9% no número de horas pagas, com quatorze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média

global da indústria foram verificados nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,5%), produtos de metal (-7,4%), máquinas e equipamentos (-5,9%), meios de transporte (-4,6%), calçados e couro (-7,9%) e produtos têxteis (-6,2%). Em sentido oposto, os setores de alimentos e bebidas (0,5%) e de minerais não-metálicos (1,7%) exerceram as principais contribuições positivas sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, treze dos quatorze locais investigados apontaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,3% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-5,3%), Paraná (-4,6%), Minas Gerais (-2,6%) e Região Nordeste (-2,1%). Em contrapartida, a Região Norte e Centro-Oeste (0,6%) assinalou a influência positiva nos seis primeiros meses de 2014.

Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria permaneceram com o comportamento de menor intensidade, com o primeiro acumulando perda de 1,6% em três meses seguidos de taxas negativas, e o segundo assinalando a taxa negativa mais intensa desde janeiro de 2009 (-1,5%). Vale destacar que esses resultados refletem, especialmente, a diminuição de ritmo que marca a produção industrial desde o último trimestre de 2013. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade do mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador prosseguiu, nas duas variáveis, com o desempenho predominantemente negativo desde o primeiro semestre do ano passado.

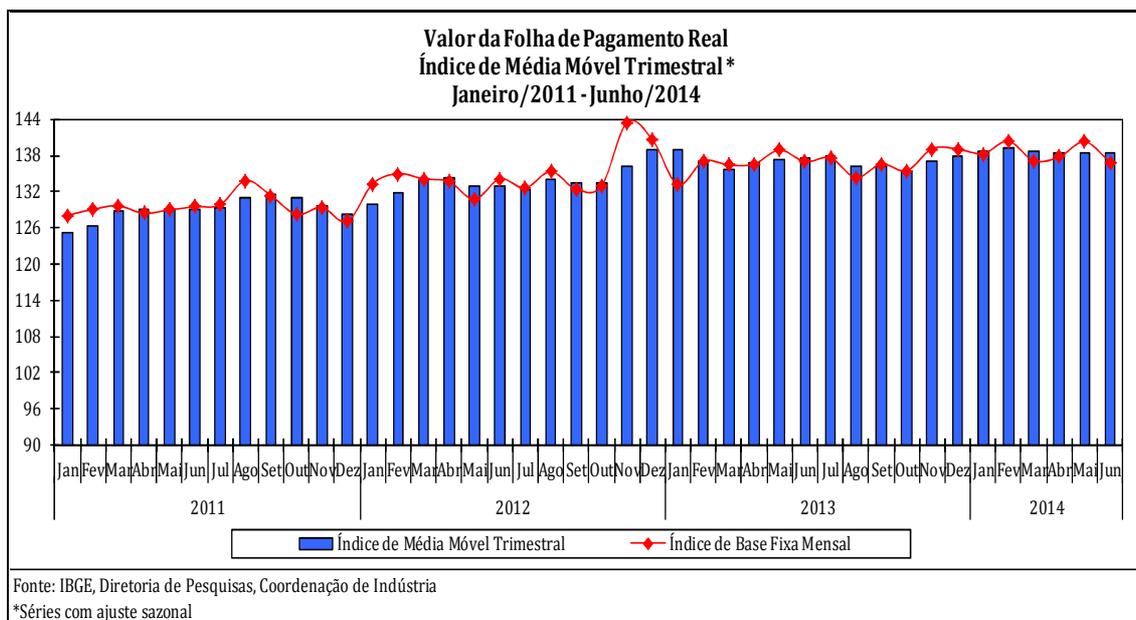
Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria prosseguiram em junho de 2014 assinalando taxas negativas, com ambos apontando as perdas mais intensas desde, respectivamente, novembro e outubro de 2009. Com isso, o índice acumulado nos seis primeiros meses de 2014 permaneceu com comportamento negativo e intensificou o ritmo de queda frente aos resultados do último semestre do ano passado, ambas as comparações contra igual período do ano anterior, tanto no total do pessoal ocupado assalariado, que passou de -1,5% para -2,3%, como no número de horas pagas

(de -1,7% para -2,9%), acompanhando o movimento de redução também verificado na produção industrial (de 1,2% para -2,6%).



FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em junho de 2014, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 2,4% frente ao mês imediatamente anterior, após assinalar dois meses de taxas positivas que acumularam expansão de 2,3%. Vale destacar que nesse mês tanto o setor extrativo (-28,4%), influenciado especialmente pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor no mês de maio último, como a indústria de transformação (-0,9%) apontaram taxas negativas. Com isso, o índice de média móvel trimestral para o total da indústria mostrou variação negativa de 0,1% no trimestre encerrado em junho de 2014 frente ao patamar assinalado no mês anterior, e manteve o comportamento predominantemente negativo presente desde março último. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o valor da folha de pagamento real da indústria apontou variação negativa de 0,2% no período abril-junho de 2014 e interrompeu dois trimestres consecutivos de crescimento: quarto trimestre de 2013 (1,3%) e primeiro trimestre desse ano (0,5%).



Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real assinalou variação negativa de 0,3% em junho de 2014, e interrompeu cinco meses de resultados positivos consecutivos nesse tipo de confronto. Nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão tanto no fechamento do segundo trimestre de 2014 (0,6%), como no índice acumulado dos seis primeiros meses do ano (1,3%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 0,7% em junho de 2014, mostrou perda de ritmo frente aos resultados de janeiro (1,6%), fevereiro (1,5%), março (1,4%), abril (1,2%) e maio (0,9%).

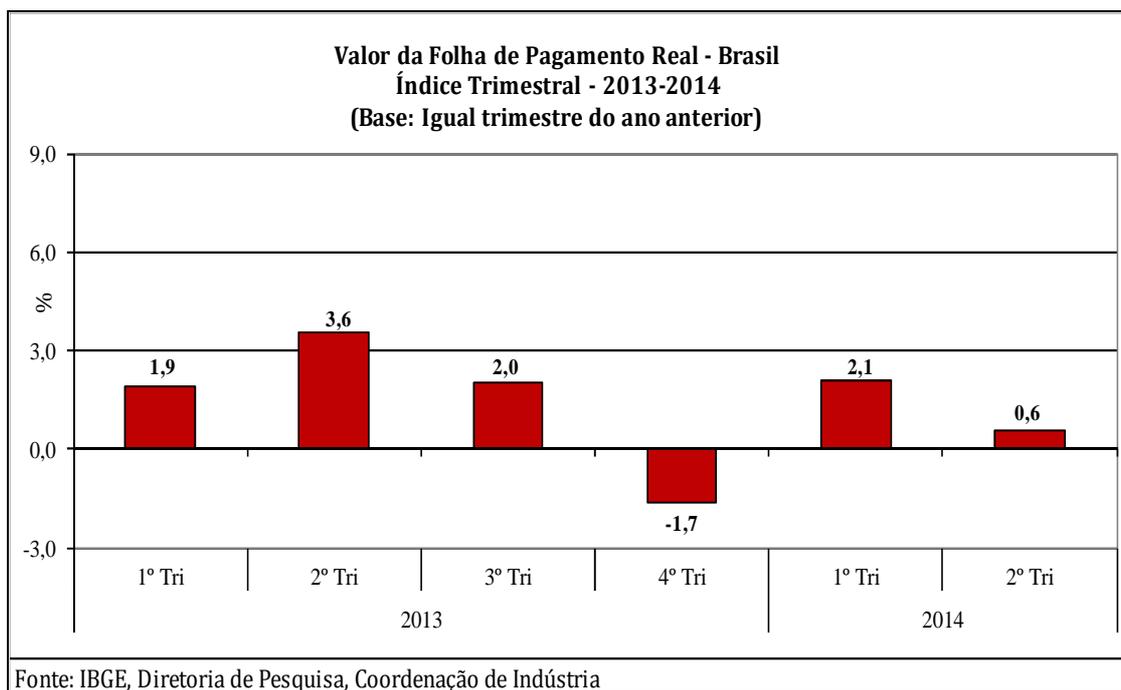
Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou variação negativa de 0,3% em junho de 2014, com resultados negativos em seis dos quatorze locais investigados. A principal influência negativa no total nacional foi assinalada por Minas Gerais (-5,5%), pressionado, em grande parte, pela queda no valor da folha de pagamento real do setor de meios de transporte (-31,1%), influenciado, pela elevada base de comparação, já que essa atividade cresceu 18,3% em junho de 2013, por conta do pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor. Vale citar também a contribuição negativa vinda do Rio Grande do Sul (-1,1%), influenciada, principalmente, pela redução observada nos setores de metalurgia (-16,6%), máquinas e

equipamentos (-2,8%), calçados e couro (-4,1%) e produtos de metal (-4,9%). Em sentido contrário, os principais impactos positivos sobre a média global foram verificados na Região Norte e Centro-Oeste (2,7%), Santa Catarina (1,6%) e Paraná (1,1%), impulsionados, em grande parte, pelos avanços registrados nos setores de alimentos e bebidas (5,9%), minerais não-metálicos (13,7%) e meios de transporte (8,4%), no primeiro local, de alimentos e bebidas (10,2%), minerais não-metálicos (9,9%), outros produtos da indústria de transformação (12,5%), produtos têxteis (4,2%) e papel e gráfica (6,6%), no segundo, e de meios de transporte (19,1%), alimentos e bebidas (3,8%) e máquinas e equipamentos (5,7%), no último.

Setorialmente, ainda no índice mensal de junho de 2014, o valor da folha de pagamento real no total do país recuou em quatorze dos dezoito ramos investigados, com destaque para meios de transporte (-2,9%), produtos de metal (-5,1%), máquinas e equipamentos (-2,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,3%), papel e gráfica (-3,3%) e calçados e couro (-4,6%). Por outro lado, os principais impactos positivos foram verificados nos setores de alimentos e bebidas (6,2%), borracha e plástico (4,7%), produtos químicos (3,0%) e minerais não-metálicos (3,3%).

Na análise trimestral, o valor da folha de pagamento real, ao avançar 0,6% no segundo trimestre de 2014, mostrou perda de ritmo de crescimento frente ao resultado dos três primeiros meses do ano (2,1%), quando interrompeu a sequência de taxas positivas iniciada no primeiro trimestre de 2010 (3,1%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Este movimento de perda de dinamismo do valor da folha de pagamento real entre o primeiro e o segundo trimestres do ano ocorreu em treze das dezoito atividades pesquisadas, com destaque para meios de transporte, que passou de 4,0% para -0,6%, máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (de -0,7% para -7,2%) e máquinas e equipamentos (de -0,3% para -2,9%). Já entre os oito locais que reduziram o ritmo entre esses dois períodos, destacaram-se Região Norte e Centro-Oeste (de 7,0% para 2,8%), Minas Gerais (de 3,0% para -0,9%), Paraná (de 4,0%

para 0,7%), Santa Catarina (de 4,4% para 2,0%), São Paulo (de 2,1% para -0,1%) e Rio Grande do Sul (de 0,3% para -0,7%).



No índice acumulado nos seis primeiros meses de 2014, o valor da folha de pagamento real avançou 1,3%, com taxas positivas em dez dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre o total da indústria foi assinalada por São Paulo (1,0%), vindo a seguir as influências registradas por Região Norte e Centro-Oeste (4,9%), Santa Catarina (3,2%), Paraná (2,3%) e Minas Gerais (1,2%). Em sentido contrário, os impactos negativos foram observados na Bahia (-0,8%), no Rio de Janeiro (-0,3%), no Rio Grande do Sul (-0,2%) e no Ceará (-0,9%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em onze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (6,1%), meios de transporte (1,7%), minerais não-metálicos (5,8%), borracha e plástico (4,5%), indústrias extrativas (3,2%), produtos químicos (1,3%) e vestuário (2,4%). Por outro lado, os setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,0%), máquinas e equipamentos (-1,6%), produtos de metal (-2,9%) e papel e gráfica (-2,1%) assinalaram as principais contribuições negativas no índice acumulado nos seis primeiros

meses do ano.